



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICAS
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E LINGUAGENS.**

ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO INICIAL NO PIBID

Autora: Maria Madalena dos Santos Nunes

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Vilhena da Silva

BELÉM-PA

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICAS
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, MATEMÁTICA E LINGUAGENS.**

ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE FORMAÇÃO INICIAL NO PIBID

Maria Madalena dos Santos Nunes

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Vilhena da Silva.

BELÉM-PA

2015

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do IEMCI, UFPA.**

Nunes, Maria Madalena dos Santos.

Estudo autobiográfico a partir das memórias de formação inicial no PIBID / Maria Madalena dos Santos Nunes, Orientadora Profa. Dra. Maria de Fátima Vilhena da Silva – 2015.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica, Curso de Licenciatura Integrada em Educação em Ciências, Matemáticas e Linguagens, Belém, 2015.

1. Professores – formação. 2. Professores – história. 3. Professores – narrativas pessoais. 4. Prática de ensino. I. Silva, Maria de Fátima Vilhena da, orient. II. Título.

CDD - 22. ed. 371.12

Maria Madalena dos Santos Nunes

**ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE
FORMAÇÃO INICIAL NO PIBID**

Banca examinadora:

Prof. Dr. Francisco Hermes Santos da Silva

Prof^a. Msc. Adriane da Costa Gonçalves

Data:

Conceito:

"A teoria sem a prática é puro verbalismo inoperante, a prática sem a teoria é um atavismo cego".

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Á Deus pelo dom da vida e por todas as vitórias conquistadas;

A meu pai José Maria (In Memória), pois foi por ele que seguir um sonho antigo;

A minha mãe (Joana) e minhas irmãs (Márcia e Maria José) que nunca mediram esforços para me ajudar;

A meu marido (Walter Braga) por ter me apoiado em todas as minhas decisões;

A meus filhos (Michael, Karine e Bruna) por terem superado minha ausência com carinho,

A meus colegas de curso com ao quais aprendi muito, pelo carinho, amizade, e companheirismo nesta jornada;

Aos professores do Curso que estiveram sempre dispostos a ouvi minhas dúvidas e juntos encontrarmos uma solução;

Agradeço à minha querida e amável orientadora Prof^a. Dr^a. Fátima Vilhena por ter acreditado em meu trabalho, por sua paciência e por ser uma excelente professora e profissional, um exemplo como pessoa que faço questão de seguir;

Agradeço ao Prof. Dr. Francisco Hermes Santos da Silva e a Prof^a. Msc. Adriane da Costa Gonçalves participantes da banca por aceitarem fazer parte desse momento tão importante de minha e pelas contribuições neste trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO	8
1. INTRODUÇÃO	9
1.1 . A ENTRADA NA GRADUAÇÃO: Um sonho realizado.	9
1.2 . INICIAÇÃO DOCENTE NO PIBID/IEMCI	11
1.3. A SALA DE AULA: Um desafio vencido.	13
2 METODOLOGIA DE CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL	15
3 CONTRIBUIÇÕES DAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE	16
TEMA 1: Respeito à diversidade cultural na escola	16
Analisando e interpretando os dados obtidos	17
Diversidade Cultural na escola	21
Auto Avaliação	24
TEMA 2: Tratamento da informação - construção de gráfico	26
Analisando e interpretando os dados obtidos	27
O Tratamento da Informação nos anos iniciais	31
Auto Avaliação	32
TEMA 3: Uma viagem através da leitura pelas “fábulas”	34
Analisando e interpretando os dados obtidos	36
Por que usar as fábulas para aquisição da leitura e da escrita?	37
Auto Avaliação	39
TEMA 4: O lixo no ambiente escolar	41
Analisando e interpretando os dados obtidos	42
Sobre o lixo produzido na escola	45
Auto Avaliação	47
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
5. REFERÊNCIAS	51
ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO	54
ANEXO 2 – TEXTO SOBRE O LIXO	55

RESUMO

Este memorial teve como objetivo, mostrar a influência das experiências, enquanto bolsista de iniciação á docência – PIBID, na minha formação acadêmica. Descrevo as principais atividades realizadas detalhando todo o processo desenvolvido, estratégias utilizadas e resultados alcançados. Nele retrato os medos vencidos, as dificuldades superadas os sucessos ocorridos. Tudo isso é resultado de um trabalho conjunto de estudo e pesquisa, de pessoas realmente dispostas a fazer com que ocorra uma transformação de pensamentos e atitudes em relação á educação.

Palavras Chaves: Memorial; PIBID; Experiências Pedagógicas; Formação Inicial.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto relata uma trajetória que teve início em novembro de 2012 a Março de 2014 como bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência), tendo como compromisso principal desenvolver práticas docentes inovadoras dentro do ambiente escolar. Pretendo mostrar a relevância da pesquisa de si mesmo na formação pessoal e profissional, como fonte de reflexão e avaliação de modo a propiciar novas posturas e ações.

O memorial autobiográfico possibilita-me refletir sobre minhas práticas, minhas trajetórias de vida, minha história e experiências enquanto pessoa e futura docente, o que poderá dizer sobre a minha transformação.

Na elaboração deste trabalho prevaleceu às experiências vivenciadas durante minha trajetória como bolsista de iniciação à docência fazendo parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID -, destacando não apenas os sucessos ocorridos, mas também as dificuldades, os medos, as dúvidas, as incertezas e sobre tudo o aprendizado que levarei para minha formação docente.

1.1 A ENTRADA NA GRADUAÇÃO: Um sonho realizado

Quando decidi prestar vestibular meu objetivo era ser professora. Essa era minha única certeza, mas sabia que não seria fácil, pois estava muito tempo sem estudar. Sendo assim, precisaria recuperar o tempo perdido, então passei a dedicar grande parte do meu tempo a estudar; foram noites e noites sobre os livros me preparando para a prova que seria minha porta de entrada para a universidade: o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). O passo seguinte foi a prova de seleção da própria universidade.

Estava muito confiante no sucesso na seleção, mas quando chegou o dia do resultado não conseguia me conter de tanta ansiedade, meu coração queria sair pela boca, não desgrudei um só momento meu ouvido do rádio. Quando chegou o Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens o nervosismo tomou conta de mim e só cai em mim quando eu já estava gritando: “passei”. Eu realmente passei muito mal tive que ser socorrida por meus filhos que disseram: “calma você conseguiu”. Ao me recuperar meu pensamento foi invadido

por questionamentos: E agora como vai ser? Como será na universidade? Vou conseguir chegar até o fim e me formar?

Passado todo o processo de habilitação, fiquei sabendo que minha turma só iniciaria as aulas no segundo semestre (agosto 2011), e foram meses de ansiedade.

No primeiro dia de aula ao chegar à universidade, um mundo totalmente novo para mim, era como se estivesse em uma cidade desconhecida e a cada passo que dava dizia para mim mesma: eu vou conseguir. Ao chegar ao instituto IEMCI onde assistiria às aulas fui tomada por uma pergunta: O que eu estou fazendo aqui? Não hesitei em responder: - estou aqui para aprender e me tornar uma profissional capacitada. O que não esperava era que em poucos dias aprenderia que não era apenas isso, aprender sim, mas também eu estava aprendendo a fazer troca de conhecimentos, a ser uma profissional diferenciada, pois estávamos nos preparando para sermos professores dos anos iniciais.

Quando me falaram isso conclui que era preciso uma preparação diferenciada. Eu via que estaria começando o alicerce de uma casa em construção e que para cada tijolo colocado um conhecimento seria necessário, ou seja, é um trabalho conjunto e não individualizado.

Sempre achei que ser professor seria chegar à sala de aula, pegar um livro, escolher o conteúdo, encher o quadro e mandar o aluno copiar. Foi aí que me apresentaram os teóricos (Vygotsky, Piaget, Bakhtin, Ausebel etc.) que mudariam todo o meu modo de pensar. Compreendi, então, que primeiramente para ser professor é necessário amar o que faz, e que para ensinar é preciso planejar, compartilhar dúvidas e aceitar opiniões.

A graduação oferece subsídios para isso, mas é necessário ir em busca de novas ferramentas para complementação. Nessa busca eu encontrei no PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência) o meu alicerce, porque nesse programa aliado às disciplinas do curso juntam-se teorias e práticas e se tem uma nova forma de ver as coisas que estão acontecendo em torno do conceito de ser professor. Saí da zona de conforto da sala de aula da graduação e fui colocar em prática a profissão que escolhi.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) oferece bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos presenciais que se dediquem ao estágio nas escolas públicas e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério na rede pública. O objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais. (MEC - Ministério da Educação, 2008)

Existe uma seleção para participar do Programa de iniciação a docência. Quando fiquei sabendo procurei informações de como funcionava e em que contribuiria para a minha formação. Mesmo estando no início da graduação saber que existe um programa ao qual se pode sair da teoria para a prática é desafiador; na entrevista foi colocado para mim minhas obrigações e regras para ser participante do programa. Fui selecionada, e comecei a trilhar novos horizontes com a experiência que iria ter.

1.2. Iniciação docente no PIBID/IEMCI

O PIBID/IEMCI do qual participei como bolsista possuía uma estrutura organizada por coordenador (a), bolsistas, coordenador (a) na escola, professores e alunos. A coordenadora geral Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Vilhena tinha como um de seus objetivos a preocupação com o desenvolvimento docente de seus bolsistas dentro do ambiente escolar onde estávamos inseridos. A preocupação foi tanta que para isso ela formou um grupo de estudos denominado: “Paulo Freire”, onde debatíamos sobre sua obra intitulada “Pedagogia do Oprimido”, e outras obras e artigos, tendo como finalidade explorar o propósito de uma pedagogia que tem por princípio nova forma de relacionamento entre professor, estudante, e sociedade como anuncia Freire: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE, 1987, p.54).

O grupo era formado por dezoito bolsistas que divididos em grupo fizeram o estudo de uma pedagogia renovadora para a educação. Nossas reuniões eram constantes para dividimos experiências, dúvidas e compartilharmos nossos projetos. Além disso, éramos convidados pelas escolas a participarmos de oficinas, palestras, minicursos, seminários, não apenas como ouvintes mas, na maioria das vezes, como ministrantes.

Em muitos momentos nossa coordenadora oportunizou-nos com a presença de profissionais para ministrarem oficinas e palestras na escola, contando com a participação dos bolsistas, professores e corpo técnico garantindo uma descoberta e troca de conhecimentos acessíveis a várias áreas.

Todos os bolsistas eram do Curso Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens do qual também faço parte, deste curso o qual tem como objetivo preparar profissionais altamente capacitados para atuarem como professores do ensino fundamental e a Educação de Jovens e Adultos ciclos I e II.

1.3 A SALA DE AULA: Um desafio vencido

A escola de atuação como bolsista foi a E. E. E. F Madre Rosa Gattorno localizada no bairro do Guamá na cidade de Belém-Pa, tem como diretora a Prof^a Ana Lucia Amaral e supervisora Professora Selma Chaves. A escola funciona em dois turnos com turmas do 1º ao 5º ano/9. Possui quinze salas de aula, uma quadra de esportes descoberta, o que para o turno da tarde não é nada bom devido o sol, tem biblioteca com um espaço bastante grande e variedades de livros, lugar este que os alunos gostam muito de estar, data show, vídeo cassete, sala dos professores, sala da direção e corpo técnico, sala multifuncional para as aulas dos alunos portadores de necessidades especiais. A escola possui um ambiente de acessibilidade para essas crianças.

A Prof^a Selma Chaves supervisionava nosso trabalho dentro da escola. Ela era uma pessoa muito observadora e sempre fazia reuniões com os bolsistas, para avaliar como estava nosso trabalho, quais as dificuldades e nossas sugestões para que os alunos com dificuldades de aprendizagem ou de socialização avançassem para acompanhar a turma, sem causar nem um tipo de constrangimento para o aluno.

Como entrei no mês de novembro de 2012 estava findando o ano letivo, fiquei em uma turma do 5º ano tendo como professora regente Nara Núbia. Eram alunos muito difíceis de lidar apesar de todo o esforço da professora, a maioria tinha entre 10 e 15 anos e poucos se mostravam realmente sem interesse em aprender. Logo que percebi as dificuldades de sala de aula compartilhei uma metodologia com a professora onde era necessária a participação dos alunos para o desenvolvimento

da atividade. Aproximava-se a semana da consciência negra que faz parte do calendário escolar, então preparei textos para minha explicação sobre este dia. Pedi aos alunos que pesquisassem na internet, em livros ou com familiares sobre o dia da consciência negra e que trouxessem para a escola recortes e informações sobre o fato.

Em sala de aula expliquei o porquê da data, sua história e fatos relacionados ao tema. Os alunos confeccionaram cartazes com o material que eles haviam trazido; a construção dos cartazes foi uma festa para eles. Fiquei animada com a reação dos alunos, então, solicitei que cada grupo apresentasse seu cartaz antes de colar na parede para exposição. Eles não se intimidaram e falaram muito bem sobre o que aprenderam, explicaram e responderam perguntas. O fato de terem participado de todo o desenvolvimento da atividade sem nada pronto e colocando suas opiniões, deixou os alunos confiantes e que a meu ver os fez participarem mais das aulas. Foi quebrada a primeira barreira para ter a atenção e participação dos alunos em outras atividades na sala de aula.

No começo do ano letivo de 2013 conheci a professora Cristiane Damião regente da turma do 5º ano/9, com alunos de 10 a 15 anos entre eles uma portadora de necessidades especiais (com baixa visão) de 15 anos. Era uma turma com alunos prontos a aprender, mas tinham muitas dificuldades na leitura e na escrita. Sempre trabalhamos juntas dividindo tarefas e compartilhando dúvidas e opiniões. Nosso maior obstáculo foi fazer com que os alunos trabalhassem em grupo, pois eram muito individualistas e a aluna com baixa visão não participava junto com os colegas das atividades, apesar de ela ser muito carinhosa e quando queria se esforçava e conseguia fazer, a duras penas, algumas atividades. Havia dias ou momentos que ela a aluna citada era retirada da sala de aula para ir às tarefas preparadas pela professora da sala multifuncional onde a pessoa especializada se incumbia de desenvolver atividades diferenciadas e com ela a bolsista Kamila desenvolvia materiais adaptados para seu aprendizado.

Na turma havia dois alunos que não sabiam nem ler nem escrever, conheciam as letras, mas não conseguiam formar uma palavra para leitura, apenas transcreviam o que era colocado no quadro. Estes alunos foram acompanhados de perto por mim e para nossa surpresa um deles chegou ao final do ano lendo e

escrevendo muito bem, contamos neste desafio com a participação da família do aluno. O outro aluno passava por momentos difíceis na família e essa desestrutura comprometeu todo o seu desenvolvimento, porque não se concentrava nas atividades, não tinha vontade de aprender por mais estimulado que fosse. O máximo que ele conseguiu foi transcrever do quadro e ler pequenas palavras.

E para concluir a turma terminou o ano muito bem, pois o esforço e dedicação de cada um deles fez com que passassem para um novo ciclo com muito sucesso.

Foi também a determinação e carinho da professora com a turma que os ajudou muito em seus avanços. Posso dizer que aprendi muito com ela e que a experiência de ser regente de uma turma é muito grande, não apenas por ser professora. Compreendi que existe um envolvimento afetivo com cada um dos alunos; o docente passa a fazer parte da história de vida deles e ser um exemplo que eles querem seguir. O professor é ponto de referência para seu aluno.

Com base no panorama apresentado este memorial autobiográfico tem como principal objetivo mostrar a influência das experiências enquanto bolsista de iniciação à docência na minha formação acadêmica.

Como objetivos específicos pretendo: Desenvolver uma autobiografia a partir de minhas experiências como bolsista PIBID; Compreender qual a extensão das atividades desenvolvidas no ambiente escolar em minha formação docente; e

Analisar as contribuições dessa experiência como bolsista de iniciação a docência para minha formação.

2. METODOLOGIA DE CONSTRUÇÃO DO MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO.

A pesquisa autobiográfica pretende que, a partir da narrativa de si, o narrador retome sua história, sua formação e sua atuação profissional para ressignificá-la. É uma prática de linguagem constitutiva da própria memória que se resgata. Para Nóvoa:

As histórias de vida e o método (auto) biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que 'ninguém forma ninguém' e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida (1988, p.116).

A construção do memorial autobiográfico se deu a partir dos registros das experiências de atividades realizadas na escola Madre Rosa Gattorno localizada no bairro do Guamá, com alunos de duas turmas do 5º ano do ensino fundamental sendo que com professoras regentes diferentes. Os registros, na sua maioria, foram feitos em diários de bordo (caderno no qual registrei as etapas que realizei no desenvolvimento do programa), e em alguns momentos os registros foram em fotos e cópias dos trabalhos dos alunos.

As professoras com que trabalhei foram Nara Núbia do 5º ano do ensino fundamental, em uma turma com aproximadamente 30 alunos com idades entre 10 a 15 anos e Cristiane Damiano também do 5º ano do ensino fundamental em uma turma tinha aproximadamente 34 alunos com idades entre 10 a 15 anos sendo que dentre eles uma portadora de necessidades especiais (com baixa visão). As atividades foram desenvolvidas a partir da elaboração de planos didáticos contemplando conhecimentos essenciais para o ensino e a aprendizagem dos alunos.

Ao optar fazer antecipadamente um plano didático com elementos que norteavam o desenvolvimento das atividades, eram consideradas as reais necessidades dos alunos e o contexto da sala de aula. Portanto, o planejamento foi um instrumento flexível que podia ser adaptado a qualquer necessidade que por ventura houvesse na hora da aplicação do mesmo.

Dentre as atividades aplicadas selecionei, aleatoriamente, para este memorial quatro que destaco de suma importância para minha formação como docente.

Apresento os planos didáticos, o desenvolvimento das atividades e a auto avaliação contendo as reflexões, as dificuldades e o aprendizado para minha formação docente.

3. CONTRIBUIÇÕES DAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE

As experiências vivenciadas no programa fez com que ampliasse minha visão enquanto bolsistas de iniciação à docência, além de me levar a refletir criticamente sobre minhas ações no ambiente educativo e o meu papel enquanto futura educadora.

TEMA 1: RESPEITO À DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA

A diversidade cultural representa as distintas culturas que existem no planeta.

Como cultura compreende-se o conjunto de costumes e tradições de um povo transmitidas de geração em geração. Dessa forma, como elementos culturais representativos de um determinado povo destacam-se: língua, crença, comportamento, valores, costumes, religião, folclore, dança, culinária, arte, dentre outros.

Objetivo Geral da atividade: Propocionar aos alunos conhecimento sobre diversidade cultural, utilizando o tema “Dia da Consciência Negra”, e o contexto da sala de aula a fim de compreender a necessidade do respeito à cultura do outro.

Objetivos específicos:

- Identificar as concepções dos alunos sobre diversidade e cultura;
- Proporcionar meios para que os alunos compreendam que cada um de nós herdou de nossos descendentes a diversidade cultural.

Metodologia

A proposta foi desenvolvida na escola Madre Rosa Gattorno em uma turma do 5º/9 do turno da tarde, composta por 30 alunos, com idade entre 10 e 15 anos, tendo como professora regente Nara Núbia P. de Souza. A atividade teve a duração de dois dias com quatro horas/aula, desenvolvida em quatro momentos (dias), a seguir descritos:

No primeiro dia todos os alunos estiveram presentes (30) e no segundo apenas 20 alunos da turma compareceram.

1º Momento: Apresentação do plano de trabalho seguido da solicitação de pesquisa individual na internet, em livros e com familiares sobre o dia da consciência negra, sua origem, fatos históricos, e saber por que foi escolhido o dia 20 de novembro para essa comemoração? Estudar e preparar-se para socializar o que aprendeu sobre o tema seguindo as orientações da pesquisa.

2º Momento: Apresentação pela bolsista sobre a história de como surgiu o dia da consciência negra. O relato enfocava a história do negro no Brasil.

3º Momento: Socialização das informações trazidas pelos alunos em uma roda de conversa, e exposição de suas dúvidas e opiniões.

4º Momento: Confeção de cartazes pelos alunos. Eles foram divididos em cinco grupos, cada um com quatro alunos, em seguida houve a apresentação dos cartazes pelos grupos para a turma explicando as imagens e informações contidas nos cartazes. A seguir foi organizada a exposição dos cartazes no pátio da escola para que outros alunos compartilhassem das produções feitas pelos alunos do projeto.

Analisando e interpretando os dados obtidos

Relato da atividade

O que diferencia uma cultura das outras são os elementos constitutivos que conseqüentemente compõem o conceito de identidade cultural, ou seja, o indivíduo pertencente a determinado grupo se identifica com os elementos que determinam sua cultura. A diversidade cultural engloba o conjunto de culturas que se constituem por elementos identitários ou elementos simbólicos que os distinguem entre si.

O tema Consciência Negra faz parte do currículo e calendário escolar, em que a escola destina uma semana para que todos os professores e alunos possam discutir e entender sobre a diversidade cultural. Nossa proposta teve uma abordagem inicial sobre o tema buscando entre as memórias dos alunos fatos do cotidiano que pudessem ser relacionados ao tema. Falamos da chegada dos negros

no Brasil, escravidão e libertação dos escravos, a influência em nossa cultura, as comidas típicas que fazem parte de nossa culinária, música, dança etc.

Todos esses elementos ocasionaram muitos questionamentos entre eles: o preconceito, o fato de não haver escravos brancos e o porquê de os patrões sempre possuírem a pele branca. Em muitos momentos o assunto foi apresentado pelos próprios alunos a partir das informações pesquisadas e da apresentação dos cartazes.

A chegada dos negros no Brasil e a escravidão são fatos de conhecimento dos alunos, eles sabiam, por meio de suas pesquisas que a princesa Isabel assinou a abolição da escravatura (Lei Áurea), que nos navios negreiros tinham muitos escravos e que a maioria morria antes de chegar à terra firme, que muitos escravos eram vendidos em feiras livres etc.

Partindo desse contexto outras perguntas foram formuladas: Por que no dia 20 de novembro comemora o dia da Consciência Negra? O que é o dia da consciência negra? Quem era Zumbi dos Palmares? O que eram os Palmares? Quais as comidas típicas daquela época que fazem parte de nossa culinária até os dias atuais?

A pesquisa solicitada anteriormente oferecia subsídios para que os alunos obtivessem respostas às perguntas e com as imagens poderiam fazer uma viagem na história através do tempo usando a imaginação. É justamente isso que acontece, quando uma imagem do passado é comparada a uma do presente do mesmo lugar podemos encontrar elementos na do presente que não estava na do passado, pois a paisagem de um lugar é modificada com o passar do tempo seja por mãos humanas ou pelo próprio tempo. Essas imagens foram usadas para a confecção de cartazes.

Na socialização das perguntas os próprios alunos, a partir das leituras que haviam feito, se manifestam respondendo, e por mais que não tivessem todas as respostas esse tipo de atividade proporcionou momento de interação com os colegas, e troca de conhecimentos. Todos participavam, tiravam dúvidas e adquiriam novos conhecimentos sobre a temática de maneira bem espontânea.

Eram aulas descontraídas e bem proveitosas. Os alunos “com problemas” já tinham esquecido aquele comportamento e se mostravam interessados. Por outro

lado eu me sentia gratificada por motivá-los a estudar um assunto tão importante para a convivência humana e pela história que agrega valores morais, éticos e, sobretudo sem preconceito de raça e cor.

Dos cartazes confeccionados, em grupos os alunos decidiam qual cartaz seria eleito pelo grupo para a socialização. Assim decidiam o que contemplaria o cartaz, porém, todos do grupo deveriam participar na apresentação do grupo. A semana da Consciência Negra culminou com a mostra do material produzido pelas turmas.

A tabela 1 contém as informações e conclusões de cada grupo a partir dos cartazes e suas imagens (figura 2)

Tabela 1. Informações e conclusões sobre o tema Consciência Negras exposta nos cartazes dos alunos.

Grupo	Informação	Conclusão
01	Falaram sobre o fato de se ter cuidado ao se dirigir a uma pessoa negra, com necessidades especiais ou mesmo branca, tendo prudência.	Destacam o Preconceito.
02	As comidas típicas (vatapá, caruru, cocada, bala de coco e a feijoada) daquela época.	Estas que ainda hoje fazem parte de nossa culinária.
03	Danças como o Moçambique (onde ao dançar louvavam aos santos), maracatu (significava a coroação dos reis africanos), capoeira.	A capoeira era uma dança religiosa e não uma luta, mas com o passar do tempo os escravos foragidos para os Palmares começaram a aplicar seus movimentos como ataque e defesa.
04	Os instrumentos que os negros usavam que era o atabaque, agogô, berimbau, caxixe.	Objetos que produzem sons musicais.
05	Música	Foram trazidas pelos escravos para os países americanos, onde se desenvolveu novas técnicas com novos instrumentos, formando variados gêneros musicais que caracterizaram a vida dos negros.



Fig. 2 – Imagem dos cartazes produzidos pelos alunos.

A culminância da atividade aconteceu no pátio da escola com a apresentação de músicas cantadas pelos alunos, capoeira e uma dança envolvendo alunas de todas as turmas em homenagem ao dia da consciência negra o que engrandeceu ainda mais o conhecimento sobre o povo africano (fig. 3)



Fig. 3 – Fotos da apresentações dos alunos no pátio da escola em comemoração ao Dia da Consciência Negra

Todas as turmas da escola trabalharam o tema, assim, o tempo para apresentação das atividades foi limitado por turma/equipe. Os cartazes ficaram em exposição nas salas de aula aberto à visitação de alunos de outras turmas, mas sem apresenta o oral. O grande objetivo da escola era sensibilizar os alunos para as diferenças e mostrar que o racismo, a discrimina o e o preconceito causam impactos em quem sofre.

Diversidade Cultural na escola

O tema diferença e diversidade cultural não leva em consideração apenas a importância do como o outro é diferente, significa pensar a relação entre o eu e o outro como participantes do mesmo meio social. A escola enquanto instituição de ensino tem entre seus objetivos combater o preconceito e a discriminação, porque participa da formação de atitudes, ações educativas para a paz, valores essenciais à formação da cidadania de seus educandos.

A exigência para se trabalhar na escola sobre diversidade cultural está presente em documentos que sancionam sua obrigatoriedade como conteúdo da disciplina história a ser trabalhada em sala de aula. Eu, porém, não vejo que somente a disciplina história dá conta do tema, pois além de abrangente é algo que está no convívio dos estudantes e professores e nas famílias dos estudantes. Nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) essa temática é designada como pluralidade cultural no qual um de seus objetivos estabelece:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (BRASIL, 1999, p.6-PCN Pluralidade Cultural).

Esse documento oficial propõe currículo voltado às diversidades existentes na sociedade, uma das bases concretas em que se praticam os preceitos éticos. A meu ver a ética norteia e exige de todos, da escola e todo e qualquer educador, iniciativas que visem à superação do preconceito e da discriminação fora da escola e também dentro dela.

Nesse sentido, a contribuição da escola é fundamental na construção de princípios éticos de liberdade, dignidade, respeito mútuo, justiça e equidade, solidariedade e diálogo. Através de programas educativos em parcerias com outras instituições acredito ser possível encontrar meios de cumprir o princípio constitucional de igualdade. No entanto, para isso, exige sensibilidade para a questão da diversidade cultural e decisões políticas em relação aos problemas gerados pela injustiça social.

Diante dessas condições e proposições oficiais destaco a necessidade de os alunos serem envolvidos curricularmente em temas dessa natureza desde os anos

iniciais do ensino fundamental. Desse modo, passam a conviver com conhecimentos sobre as diferentes culturas, e começam a entender desde cedo o significado de discriminação e as influências e consequências sociais do preconceito, possibilitando ensinar e aprender que o Brasil é um país de muitas desigualdades sociais e econômicas que precisam ser superadas.

Além dos PCN dispomos da LDB (Lei de Diretrizes Curriculares) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, na qual se estabelece:

O ensino da história do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro especialmente das matrizes indígena, africana e europeia. (LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Art. 26 § 4º).

O aprendizado sobre as diferentes culturas no currículo escolar tem sido caracterizado com o aparecimento dos primeiros povos e a chegada dos portugueses no Brasil, desde então já é possível notar diferentes etnias, vestimentas, alimentação, cor da pele, religião etc. O fato é que devemos fazer com que os alunos reflitam sobre esses acontecimentos de nossa história. E percebam que com o passar dos tempos a discriminação e o racismo tomaram um caminho de forte violência, levando o poder público a tomar providências para amenizar o problema reformulando a lei anterior. Veio a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que complementa a LDB de 1996:

Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. A partir desta lei, tornou-se obrigatório no currículo escolar da educação básica o "estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e políticas pertinentes à História do Brasil" (art. 26-A, § 1º).

A nova Lei de 2003 representa um avanço ao possibilitar a construção de um multiculturalismo (Termo que descreve a existência de muitas culturas numa localidade, cidade ou país, sem que uma delas predomine, porém separadas geograficamente) crítico na escola brasileira, ao mesmo tempo em que reconhece o movimento negro em nosso país como movimento histórico, cuja bandeira de luta consiste em incluir no currículo escolar o estudo da temática "história e cultura afro-brasileira".

Quando se trata de lei ela pode ser alterada sendo assim a Lei nº 11.645/08, de 10 de março de 2008 estabelece que “nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena”. (Art. 26-A)

As leis acima mencionadas foram elaboradas para que haja reconhecimento dos afrodescendentes e indígenas enquanto sujeitos históricos e continuam a serem sujeitos importantes na construção social, econômica e histórica do Brasil. É o que diz o parágrafo 1 do artigo 26 - A da lei nº 11.645/08:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (BRASIL, 2008.).

Infelizmente, Lei, porém, não é garantia de que o ensino realmente irá acontecer e que o professor terá os meios necessários para informar aos seus alunos os conhecimentos sobre a História e Cultura Africana e Afro-brasileira e Indígena. Sendo assim, urge que se oportunizem aos professores e alunos conhecerem cada vez mais sobre o que vem a ser Diversidade cultural, pois é fundamental para ampliar a compreensão e fortalecer a ação de combate à discriminação e ao preconceito, condição para que nenhuma forma de discriminação seja tolerada, na escola ou fora dela. O que queremos é que não seja a escola, um instrumento de reprodução de preconceitos, mas um espaço de promoção e valorização da diversidade.

Acredito que juntos, escola e educadores, podem desenvolver propostas de atividades que visem os princípios éticos de igualdade, dignidade, justiça, respeito mútuo às diferenças em qualquer espaço da sociedade. Porém, a escola tem dificuldade de lidar com as diferenças e a diversidade cultural e isso tem se tornado um grande problema, quando na verdade deveria ser uma oportunidade para aquisição dos mais diferentes conhecimentos, pois dentro do ambiente escolar encontramos a maior diversidade de pessoas, culturas, religião etc. Penso que se desenvolvermos projetos nessa direção possibilitará aos alunos obterem maior número de informações que podem ser úteis ao desenvolvimento pessoal com grande valor para o seu futuro e convívio social. Afinal o objetivo da educação

escolar é fazer com que os cidadãos no cotidiano escolar sejam crítico e observador como se vê nos PCN sobre a pluralidade cultural:

O cotidiano da escola permite viver algo da beleza da criação cultural humana em sua diversidade e multiplicidade. Partilhar um cotidiano onde o simples “olhar-se” permite a constatação de que são todos diferentes traz a consciência de que cada pessoa é única e, exatamente por essa singularidade, insubstituível (BRASIL, 1997, p. 40).

Existem, porém, muitas dificuldades ainda a serem superadas nas escolas, contudo vale a pena tentar promover situações variadas que vão exigir a adaptação entre o que foi aprendido e o que precisa ser resolvido com sucesso na vida em sociedade.

Não bastam Leis, se não houver a transformação de mentalidades e das práticas educativas.

Auto Avaliação

Como eu estava chegando à escola em novembro e a turma, não tinha muita noção do que estava ocorrendo, precisei de um tempo para observação e muita conversa com a professora regente da turma. Fui pega de surpresa para desenvolver o tema, aceitei o desafio, mas contei com ajuda da professora e a cooperação dos alunos. Entendi que trabalhar o assunto Diversidade cultural não era apenas um tema do calendário escolar, mas um conteúdo de história, de ética, de leis, de direitos e deveres dos cidadãos e da sociedade e que deveria ser bem trabalhado com os alunos. Foi então que entendi a afirmativa:

[...] os sujeitos estabelecem, em suas práticas, com as demandas sociais internas e externas à escola, expressando-se em modos próprios de ser e atuar como docente. A polivalência estaria imbricada com dimensões outras que vão além do domínio e da legitimidade do conhecimento científico (CRUZ e BATISTA NETO, 2012).

Foi uma experiência muito válida para mim porque acredito que desenvolvi um tema complexo de forma motivadora e os alunos se interessavam por aprender sobre fatos que fazem parte de sua vida, da sua história, da história do povo, da sociedade brasileira. Percebi que não apenas ensinei, mas também aprendi, e considero essa troca de conhecimento essencial para meu desenvolvimento profissional.

Fazer um paralelo da história passada com a que vivemos atualmente possibilitou aos alunos um maior conhecimento, pois começaram a relacionar suas próprias características físicas e sociais com de outros povos e assim surgiu a descoberta que trazemos atributos de nossas gerações passadas e presente. As etapas dos trabalhos permitiu aos alunos perceberem-se diferentes, que ninguém é igual ao outro, mas podemos contribuir com nossas experiências com o outro, que todos juntos formamos uma sociedade de direitos, que também tem deveres e todos perante a Lei são iguais, não importa a raça, cor, religião, sexo, idade etc.

Trabalhando a referida temática percebi na prática que o ambiente escolar nos anos iniciais é um lugar que exige do professor ser polivalente uma vez que ele terá de transitar por diferentes áreas do conhecimento. É um lugar cheio de diversidade de pessoas, currículo, organização; é lugar para se aprender a conviver com os outros profissionais da área da educação e a respeitar as diferenças. É um espaço de educação que exige do professor ser polivalente. “Seria um sujeito capaz de apropriar-se e articular os conhecimentos básicos das diferentes áreas do conhecimento que compõem atualmente a base comum do currículo nacional dos anos iniciais do ensino fundamental, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar” (LIMA, 2007 citado por CRUZ e BATISTA NETO, 2012).

Vi, entretanto, nessa experiência uma grande necessidade em mim e nos professores da escola ter cursos de formação continuada no tema que oportunize um maior domínio do conteúdo, para que então possam falar com os alunos de forma clara e objetiva, pois, percebi em muitos momentos que os alunos trazem algum conhecimento sobre o assunto, mas esperam ser amadurecido e complementado na escola.

TEMA 2: TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO - CONSTRUÇÃO DE GRÁFICOS

Neste bloco apresento minhas experiências com uma sequência didática sobre o tema “Tratamento da informação. O referido tema é recomendado nos PCN de matemática e uma das razões para inserir o assunto no currículo escolar em nível de educação básica se apoia no fato de que a sociedade atual é mergulhada em muitas informações que chegam até às pessoas ao mesmo tempo, e exige que as compreenda. Sendo assim, o PCN sugere que na escola todos aprendam a selecionar, analisar e interpretar as informações com a finalidade de saber tomar decisões ou posicionamentos mais coerentes.

Na época desta experiência, a coordenadora do PIBID-IEMCI orientou que todos os bolsistas fizessem um estudo sobre a temática, o que nos levou a estudar individual e em grupo no nosso grupo Paulo Freire. Depois, cada bolsista planejou uma sequência didática. Uma das bolsistas (VILHENA, V. D. M.) desenvolveu seu TCC com a referida temática.

No meu planejamento da sequência didática tive por objetivo geral: Apresentar o conceito e os tipos de gráficos utilizando material concreto. E como objetivo Específico: ensinar os alunos a lidarem com dados concretos e aprenderem a interpretar os referidos dados.

Metodologia. A atividade foi desenvolvida na escola Madre Rosa Gattorno em uma turma do 5º ano/9 no turno da tarde, composta por 34 alunos, com idade entre 09 e 15 anos, tendo uma aluna portadora de necessidades especiais (com baixa visão) e como professora regente Cristiane Damião. Utilizamos caixa de fosfóro; cartolinas, canetinhas entre outros para a construção de gráficos. A sequência didática exigiu cinco (5) encontros na turma que denominaremos de momentos, a seguir descritos.

1º **Momento.** Fizemos a distribuição de um questionário contendo dois blocos. No primeiro haviam perguntas pessoais sobre sua idade, onde mora, se morava com os pais, se estes tinham trabalho, etc. No segundo bloco estava a pergunta geradora que determinaria a construção do gráfico: Qual a disciplina que você mais gosta?

2º Momento. Realizamos uma aula para que os alunos entendessem os conceitos que envolvem o tema “Tratamento da informação”. Discutimos para que serve, como utilizá-lo, como fazer a leitura de um gráfico e alguns tipos de gráficos.

3º Momento. A partir das respostas dos questionários sobre a pergunta qual a disciplina que mais gosta de estudar os alunos em dois grandes grupos construíram o gráfico de barras com caixas de fosfóro, e depois socializaram os resultados fazendo a interpretação de seus gráficos para a turma.

4º Momento. Discussão sobre a Construção do gráfico de barras com as caixas de fosfóro pela turma a partir dos dados coletados de todos os alunos da turma.

5º Momento. Partindo da construção já feita pelos alunos, foi solicitado aos alunos que desenhassem na cartolina o gráfico seguindo as seguintes perguntas:

- Qual a disciplina que os alunos mais gostam?
- Qual a disciplina que menos gostam?
- Quantos alunos gostam mais de português? E de matemática?
- Quantos alunos gostam de ciências? de história? de geografia?

Analisando e interpretando os dados obtidos

Relato da atividade

Estava iniciando o ano letivo e eu precisava conhecer os novos alunos com quem eu teria novas experiências do PIBID. Eu queria saber um pouco de suas histórias e de seus interesses, então como devíamos trabalhar com o assunto tratamento da informação, optei a princípio por questões que encontram-se diretamente relacionado à convivência em sala de aula. O motivo dessa opção foi porque os alunos não sabiam fazer leituras de gráficos em jornais ou quando assistem uma reportagem e se deparam com gráficos nos livros não dão a devida importância, porque não sabem o que esses tantos números significam.

O tema tratamento da informação havia sido estudado, no ano passado, com os professores da escola Madre Rosa Gattorno em várias oficinas ministrada por uma por uma das bolsista do PIBID que iniciava seu TCC como foi dito

anteriormente. Nessas oficinas das quais também participei, os professores encontraram dificuldades para fazer as leituras dos gráficos e tais dificuldades foram debatidas e soluções encontradas.

De acordo com Vilhena (2014) os professores que fizeram parte das oficinas reclamaram por não saberem lidar com o assunto, mas consideram o ensino de gráficos e tabelas um assunto relevante. Esses professores reconhecem que seus alunos devem conhecer essa forma de linguagem, visto que atualmente é uma ferramenta bastante utilizada nos meios de comunicação de massa e ajuda a compreender o que se passa no mundo.

Vilhena ainda esclarece:

Acreditamos que devido a carência na formação dos professores dos anos iniciais, onde quase 100% dos nossos entrevistados nunca ou pouco estudaram na sua formação sobre gráficos e tabelas, faz com que eles não incluam no currículo escolar o assunto de tratamento de informação (VILHENA, 2014, p.40)

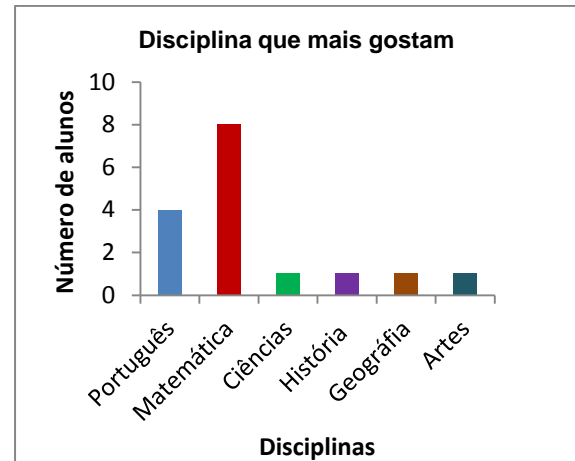
Diante desse histórico, para eu desenvolver o tema em sala de aula foi um desafio, mas a recompensa não foi somente a compreensão do assunto pelos alunos, como a nossa (minha e da professora). Questionamos os alunos e também fomos questionados por eles e acabamos por encontrar soluções juntos para determinado problema.

Considero esse tema interessante ser desenvolvido nos anos iniciais, justamente porque em nossa sociedade as linguagens e os códigos se multiplicam rapidamente. As informações passadas pelos meios de comunicação estão repletas de gráficos e tabelas, daí que a escola não pode ficar alheia a esses fatos. Assim nossa proposta foi focada no desenvolvimento das capacidades de construção de tabelas e gráficos e interpretar os dados contidos nelas, pensando que esse é mais um mecanismo de a escola por em prática um currículo que vai para além de saber conceitos, formando cidadãos que possam entender o que está acontecendo com o mundo no qual está inserido.

Quanto às respostas para os questionamentos após as construções dos gráficos vou dar um exemplo de como ficou, sendo que estes foram construídos com caixinhas de fósforo.

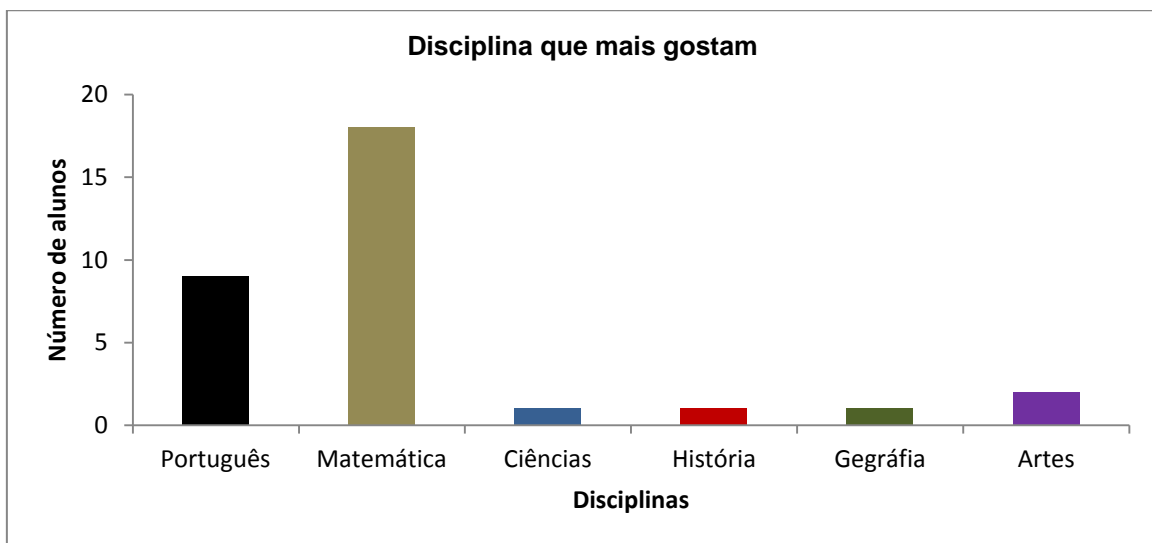


Grupo 1



Grupo 2

Todos os elementos que constituem um gráfico foram devidamente explicados para que os alunos conseguissem extrair todas as informações que estavam sendo pedidas nas perguntas e assim um grupo fez a análise do gráfico do outro e respondeu as perguntas. A construção do gráfico da turma toda ficou assim:



RESULTADO DOS DOIS GRUPOS

Ao final todos os alunos sabiam ler e interpretar dados contidos em um gráfico. Outros tipos de gráficos também foram apresentados para os alunos mas resolvemos a princípio trabalhar o de barras.

Os grupos com os alunos foram formados aleatoriamente, e ao analisar os gráficos de cada grupo observei que em um deles (grupo 1) as disciplinas que se destacaram foram o português e a matemática e no outro (grupo 2) além do

português e da matemática houve a escolha pelas outras disciplinas. Em meu entendimento e pelo que vivenciei no ambiente escolar tal fato acontece devido haver um maior enfoque nas disciplinas português e matemática, enquanto que as outras (ciências, história, geografia e artes) é passada superficialmente para os alunos, muitos assuntos são vistos apenas em datas comemorativas e outras através dos livros didáticos parecendo pouco significativa e baseada apenas na transmissão de conceitos.

De acordo com Straforini (2002),

Sabemos que nos primeiros ciclos do ensino fundamental o ensino de geografia, assim como as outras disciplinas que não sejam Português e Matemática, ocupa um papel secundário, muitas vezes irrelevante no cotidiano da sala de aula. Sabemos que este problema decorre da falta de discussões teóricas, metodológicas e epistemológicas, bem como do grande problema na formação dos professores das séries iniciais, que assumem as suas dificuldades perante a discussão teórica das referidas disciplinas (p. 96).

É importante ressaltar que não se dê importância apenas para que o aluno aprenda a ler e contar, além do que podemos trabalhar de forma contextualizada todas as disciplinas. Dentro de um conteúdo de geografia, por exemplo, podemos trabalhar o português e a matemática.

O Tratamento da Informação nos anos iniciais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Matemática tem como objetivo orientar o trabalho pedagógico do professor, fazendo com que este tenha a possibilidade de desenvolver em seus alunos valores que lhes permitam exercer a cidadania, formando pessoas conscientes e críticas, capazes de resolver problemas do dia-a-dia com o auxílio dos conhecimentos matemáticos. Para tanto, o professor precisa adaptar o que está proposto no PCN à realidade na qual sua turma está inserida.

O tratamento da informação aparece na escola pelo fato de que a sociedade atual é forçada diante das informações, a saber, tomar decisão. Nessa perspectiva, os PCN apontam que:

A compreensão e a tomada de decisões, diante de questões políticas e sociais também dependem da leitura e interpretação de informações complexas, muitas vezes contraditórias, que incluem dados estatísticos e índices divulgados pelos meios de comunicação. (BRASIL, 1997, p. 25).
PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: MATEMÁTICA

O tratamento da informação traz para os alunos noções de estatística, probabilidade e combinatória, através de situações didáticas que os possibilitem aprenderem a coletar, organizar, analisar, interpretar dados, além de representá-los de forma gráfica e tabular. Por que:

No mundo das informações, no qual estamos inseridos, torna-se cada vez mais “precoce” o acesso do cidadão a questões sociais e econômicas em que tabelas e gráficos sintetizam levantamentos; índices são comparados e analisados para defender ideias. Dessa forma, faz-se necessário que a escola proporcione ao estudante, desde o Ensino Fundamental, a formação de conceitos que o auxiliem no exercício de sua cidadania. Entendemos que cidadania também seja a capacidade de atuação reflexiva, ponderada e crítica de um indivíduo em seu grupo social. (LOPES, 1998, p.13).

Desta feita, o professor ao perceber que não é suficiente proporcionar aos seus alunos o aprendizado de conceitos isolados da realidade deve buscar estudos sobre o tema a fim de realizar práticas em que os educandos possam analisar e relacionar os dados com a realidade do problema apresentado.

Sendo assim, os PCNs sugerem no primeiro ciclo que sejam dados conteúdos relacionados com o Tratamento de Informação de modo a estimular os alunos a fazer perguntas, a estabelecer relações, a construir justificativas e a desenvolver o espírito de investigação. A partir do segundo ciclo, o Tratamento de Informação toma

outros rumos além do abordado no ciclo anterior. O trabalho a ser desenvolvido é a partir da coleta, organização e descrição de dados, possibilitando aos alunos compreender as funções e a importância de tabelas e gráficos usados para comunicar-se (BRASIL, 1999).

Outra importância nesse tema é produzir textos escritos a partir da interpretação dessas representações e de sua construção com base em informações contidas em textos jornalísticos e científicos, sempre que possível estar articulado com outros conteúdos ou disciplinas. Os PCNs destacam que:

Nos dois primeiros ciclos, as atividades podem estar relacionadas a assuntos de interesse das crianças. Assim, por exemplo, trabalhando com datas de aniversário pode-se propor a organização de uma lista com as informações sobre o assunto. Um critério para organizar essa lista de nomes precisa ser definido: ordem alfabética, meninos e meninas, etc. Quando a lista estiver pronta, as crianças analisam e avaliam se as informações podem ser encontradas facilmente. O professor pode então propor a elaboração de outra forma de comunicar os aniversariantes de cada mês, orientando-as, por exemplo, a construir um gráfico de barras (Brasil, 1999, pg. 85. PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS: MATEMÁTICA).

Quando as atividades estão ligadas ao contexto em que o aluno vive serve de motivação para o aprendizado e de satisfação para o professor. Assim, incentivar, a saber, ler e interpretar gráficos e tabelas tornam-se indispensáveis aos alunos, pois os avanços tecnológicos e científicos estão cada vez mais exigindo do cidadão interpretar dados que influenciam na sua vida direta ou indiretamente com esses avanços.

Auto Avaliação

A cada dia que passa aumenta a necessidade de as pessoas estarem preparadas para refletir a respeito das informações, analisar, interpretar e saber tratar essas mesmas informações. Na mídia impressa, televisiva e eletrônica, o uso da estatística, de tabelas e de gráficos, representam os mais diversos acontecimentos, mas nem sempre são entendidos pelas pessoas que as veem. Por outro lado, é necessário que as pessoas sejam preparadas para entender e refletir a respeito das imagens e dados que lhes são mostrados; que sejam capazes de interpretar e articular as inúmeras informações, e os mais variados temas.

Desenvolver essa habilidade na escola exige ter domínio da matemática e das linguagens materna e gráfica. Logo se faz necessário expandir e aprofundar mais sobre os conhecimentos estatísticos nos encontros de formação de professores e nos contextos de trabalho da escola, ressaltando que tais abordagens teóricas e práticas para serem aplicadas nos anos iniciais devem estar em consonância com conteúdos curriculares e extracurriculares que incentivem estudar e possam contribuir para o desenvolvimento das noções básicas de estatística.

A aquisição de leitura de gráficos que desenvolvemos por meio das práticas escolares mostrou que as informações foram interpretadas a contento. Mesmo que um ou outro aluno tivesse dificuldade em fazer a leitura, no fim, os outros colegas ajudavam-no a entender o que se pretendia.

Para iniciar o assunto precisei estudá-lo, pois tinha pouco conhecimento sobre o tema e não podemos ensinar o que não sabemos principalmente para alunos do ensino básico. Ao adquirir o conhecimento devido consegui passar com bastante prioridade para os alunos e posso dizer que o tratamento da informação trabalhado com materiais concreto torna, mas fácil o aprendizado.

Faz-se necessário que, seja qual for o assunto, seja feita um estudo aprofundado sobre ele para que não seja passado de forma errada e mesmo se trabalhando com material concreto demonstrar que existem outras formas do mesmo assunto se apresentado, mostrar jornais, revistas, livros etc., para que o aluno possa desenvolver as suas habilidades aprendidas em qualquer que seja a ocasião.

TEMA 3: UMA VIAGEM ATRAVÉS DA LEITURA PELAS “FÁBULAS”

Introdução

Fábula é uma pequena narrativa em que se aproveita a ficção para sugerir uma verdade ou reflexão de ordem moral, com intervenção de pessoas e animais.

De acordo com Nelly Coelho, fábula “é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade” (2000, p. 165). De acordo com os estudos realizados por ela, a fábula vem do latim com o significado de “falar” e do grego que é o mesmo que “dizer”, contar algo.

No processo de alfabetização, Correa (2014) desenvolveu um TCC utilizando fábulas a autora considerou que o exercício da leitura desse gênero foi um dos indispensáveis requisitos para o desenvolvimento dos educandos nos aspectos social, pessoal, e emocional no ambiente escolar.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN):

O trabalho com leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras (BRASIL, 1997, p. 40).

A escolha pelas fábulas foi baseada na convicção de que são excelentes exercícios para ser trabalhado nos anos iniciais, por se tratarem de atitudes humanas, com disputa entre fortes e fracos, a esperteza, a ganância, a gratidão, o ser bondoso, o não ser tolo. Além disso, sempre encerram com uma lição de “moral”, ou um ensinamento.

No planejamento tivemos por objetivo principal da proposta didática: Desenvolver, por meio de fábulas, momentos de descontração e criatividade através da oralidade, leitura, interpretação de textos. E especificamente pretendemos que as aulas utilizando fábulas pudessem:

- Motivar os alunos à leitura individual e coletiva de fábulas em sala de aula, buscando reconhecer as características do gênero e oportunizando a reflexão sobre o comportamento humano e suas atitudes.

Metodologia das aulas:

O material utilizado para as aulas foram: Livros contendo as fábulas e papel A4.

As atividades ocorreram em uma turma do 5º ano do ensino fundamental da Escola Madre Rosa Gattorno composta por 34 alunos, sendo que somente 29 alunos participaram. A professora regente Cristiane Damião foi a mesma da experiência anteriormente relatada.

Dividimos a proposta em cinco momentos:

1º **Momento.** Primeiro organizamos – eu e a professora- uma roda de conversa com os alunos sobre o gênero textual fábula sem, necessariamente, destacar suas características específicas, fazendo perguntas para que eles pudessem perceber tais características. Começamos a conversa perguntando: - Vocês conhecem alguma fábula? Já leram fábulas? Que outras fábulas vocês conhecem?

2º **Momento.** Fizemos a distribuição de livros contendo diferentes fábulas para os alunos para que tivessem contato com a leitura. Antes, porém fiz a leitura de uma das fábulas em voz alta e depois dei um tempo para que cada aluno fizesse a leitura em silêncio da fábula que estava em sua mão. Ressalto que cada aluno recebeu um livro com uma fábula diferente.

3º **Momento.** Solicitamos aos alunos que identificassem a situação inicial, o conflito e a solução do problema exposto na história e por último dissessem qual a moral da história.

4º **Momento.** Socialização foi o momento em que os alunos se posicionaram sobre a história, comentando as ações dos personagens e fizeram uma relação a um fato da vida real que fosse de seu conhecimento.

5º **Momento.** A partir das informações e socializações os alunos foram chamados a produção de um texto com base na história lida. Foi avaliada a escrita dos alunos.

Analisando e interpretando os dados obtidos

Relato da atividade

O planejamento da atividade levou em conta a grande dificuldade que os alunos estavam encontrando na leitura e escrita. Houve a necessidade que a leitura fosse estimulada e como os alunos adoram histórias escolhi as fábulas. O fato é que não se trata apenas de uma história, mas também lição para a vida. Quando colocamos os alunos para refletirem sobre suas atitudes em relação aos outros, fazíamos com que pensassem a situação e em seguida alguns se manifestavam com pensamentos que nos levava a interpretar que se arrependia de algo que não deveriam ter feito.

Em relação à produção de texto, verifiquei que os alunos aprenderam a articular os acontecimentos da história, aos fatos diretamente relacionados com alguma história real, eles também aprenderam a identificar as características do gênero textual fábula. Mas, na hora de escreverem, muitos alunos, talvez a maioria, estavam envergonhados em fazer o texto justamente por terem dificuldade de escrever. Todavia, no momento que era detectada as dificuldades iam sendo acompanhados com a leitura oral do colega que sabia ler ou por mim ou pela professora da turma, assim os obstáculos iam sendo superados. Resultado disso foi a corrida dos alunos pela procura dos livros para leitura durante o recreio.

O fato é que os alunos estavam no 5º ano e esse processo de leitura e escrita eu esperava que devesse estar avançado. Mas não foi isso que encontrei nas salas de aulas. Muitas vezes me deparei com alunos que nem foram alfabetizados. Surge então a pergunta: Como esse aluno passou pelos anos anteriores sem dominar a leitura e escrita?

As respostas para a minha angústia ouvida de professores da escola foram as seguintes: - ele (o aluno) deveria ter sido alfabetizado na série anterior, mas não foi; - no grau em que se encontra é muito difícil voltar; - preciso avançar e fazer com que acompanhe a turma de qualquer jeito. Infelizmente, eu esperava uma saída uma opção para reverter o quadro, porém as respostas acima descritas eram desanimadoras para quem está cheia de planos ao fazer uma licenciatura.

Cito neste memorial esta passagem das minhas experiências porque a angústia de ver alunos analfabetos saindo dos anos iniciais é preocupante. Colocar culpa nos professores não é, em hipótese alguma, minha intenção, porém penso que deva haver mais compromisso com a formação desses cidadãos já que saber ler e escrever é condição fundamental para se comunicar em quase todas as ocasiões da vida.

Pequenos projetos como esse que realizamos pelo pibid, é apenas uma semente diante do dilema de milhares de alunos que, com certeza, estão na mesma condição desses que relatei. Para ajudar os alunos que não sabiam ler ou escrever contamos com a ajuda dos pais incentivados por nós os quais também incentivavam seus filhos a lerem em casa os livros de fábulas que levavam emprestados. Logo, desse trabalho conjunto foram colhidos frutos de sucesso, pois muitos desses alunos ao final do ano já sabiam ler e/ou escrever.

Por que usar as fábulas para aquisição da leitura e da escrita?

As fábulas são pequenas narrativas em que animais são os personagens protagonistas. O comportamento humano é criticado através de atitudes de animais que poderiam ser bons, maus ou apresentar diferentes virtudes ou defeitos. É comum que esses animais representem raposas, lobos, formigas, entre outros. Cada um deles apresenta características tipicamente humanas. Por exemplo: o leão representa força e poder, o cordeiro representa ingenuidade, a raposa simboliza a esperteza.

A fábula é um gênero literário muito antigo, encontrado praticamente em todos os períodos da história e em várias culturas. Seu caráter universal se deve, principalmente, pelo fato de ter grande ligação com a sabedoria popular, tirando delas algum ensinamento útil ou lição prática sobre o que acontecesse em nossas vidas. Em relação à moral nas fábulas, Góes afirma:

“A moral contida nas fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias”. (GÓES, 1991, p. 144.)

Este gênero é considerado uma ferramenta poderosa para o aprendizado de valores e comportamentos socialmente valorizados. Sugere e conduz o aluno a diferenciar valores atualmente perdidos pela atual sociedade.

A leitura de fábulas na sala de aula possibilita ao estudante expressar-se e discutir aspectos socioculturais. Essa tipologia textual não só promove a reflexão, mas também serve de exemplo para o ensino ético-moral. A fábula é vista há muitos anos, como instrumento educacional, não só porque se trata de um texto crítico, mas também por exercer um papel fundamental para o desenvolvimento do aluno leitor.

Os educadores tem procurado estratégias que melhore a capacidade de leitura de seus alunos, pois em muitos casos o que se vê é a decodificação de palavras sem sentido para quem está lendo e o que se quer é alunos capazes de ler vendo sentido no que estão lendo e se posicionando criticamente sobre o que estão lendo.

Ler é diferente de aprender a ler, o processo de aprendizagem da leitura não pode ser confundido com o propósito da leitura. Decifrar o código de escrita não garante autonomia e compreensão de mundo. Um dos objetivos sintomaticamente ausentes dos programas de alfabetização de crianças é o de compreender as funções da língua escrita na sociedade. (FERREIRO, TEBEROSKI, 1991, p. 30)

A leitura tem sido objeto de muita discussão por parte de educadores que buscam estratégias para melhorar a capacidade de leitura dos alunos no ensino Fundamental. No cotidiano escolar observa-se que muitos alunos mesmo avançando na escolaridade, encontram dificuldades na compreensão do conteúdo lido, sentindo-se inseguros e fazem do ato da leitura um tormento. Unir o ensino de leitura com o gênero fábula pode contribuir para auxiliá-los na construção de sua competência de leitor e na aquisição de conhecimentos relevantes à prática social.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, nº 9.394 de 20/12/96 – nova LDB, o Ensino Fundamental tem por objetivo a formação básica do cidadão mediante: “O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo” (Art. 32, I).

Logo há uma necessidade de um esforço conjunto de toda equipe escolar, para que ao final de cada ano o aluno tenha adquirido as habilidades mínimas e necessárias que são exigidas para o ingresso no ano seguinte e esse não deve ser

um trabalho passado de professor para professor todos tem a mesma responsabilidade na formação do aluno.

Auto Avaliação

A dificuldade de leitura e escrita é muito recorrente nas turmas que já passei, me parece que os professores estão passando os alunos e dando essa tarefa de ensinar a ler e escrever para o professor seguinte, enquanto isso o professor atual justifica não ser sua tarefa, o que acaba prejudicando muito o aluno.

Tenho certeza que através de atividades diferenciadas do seu dia a dia na escola, o aluno se empenhe muito mais em aprender, mas esse trabalho tem que ser em parceria escola/pais/aluno. Penso que não precisamos estar dispostos apenas a ensinar os alunos, mas em aprender junto com eles.

A leitura e escrita é algo que a pessoa leva para toda a sua vida, e ela se faz necessária em tudo para viver em sociedade. Ao desenvolver as atividades de leitura de fábulas pude ver a felicidade no olhar dos alunos que aprendiam a interpretar e aprendiam a ler ou a escrever.

Ler por ler, não diz nada, mas ler e compreender o que estão lendo, me fez observar o significado de “desenvolver a capacidade de...”. Sinto-me realizada ao ver o desenvolvimento da atividade provocar sentimento de alegria nos alunos e vontade de aprender. Ensinar a ler e a escrever é um dos grandes desafios para um bolsista que ainda tem muito pouca experiência ou quase nenhuma na arte de alfabetizar, e em pouco tempo auxiliar o aluno tornando-o capaz de seguir em frente junto a sua turma. A maior recompensa não foi apenas para nós bolsistas, mas principalmente para os alunos. O sucesso do trabalho foi de todos.

O que me deixa muito satisfeita com a profissão que escolhi é ver no final do ano na formatura da turma do 5º ano o aluno olhar nos meus olhos e dizer: - tia eu consegui, eu passei sabendo ler e escrever e ninguém mais vai dizer que eu não posso, eu posso sim e agora eu não vou mais parar, obrigada.

Dentre os cinco alunos que tinham grande dificuldade na leitura e escrita apenas um não conseguiu avançar, pois este conhecia apenas as vogais e poucas

consoantes, não conseguia escrever uma palavra inteira sem ajuda precisando muitas vezes que se escrevesse a palavra para que ele copiasse. O caso dele era muito preocupante por que não havia interesse dele nem da família para que a situação desse aluno mudasse, mesmo com as muitas tentativas foi impossível ajudá-lo devido suas muitas faltas à escola.

Educar não é uma tarefa fácil, mas é muito gratificante, e posso dizer que escolhi ser professora por amor.

TEMA 4: O LIXO NO AMBIENTE ESCOLAR

Introdução

Ao se trabalhar a percepção partindo do sentido da visão acredita-se ser possível que os alunos desenvolvam uma conscientização ambiental e possam propor soluções para reduzir, reutilizar e reciclar os resíduos sólidos produzidos na escola.

Quando a escola se organiza, é possível mudar muita coisa. Inclusive o destino dado ao lixo produzido dentro desta. É preciso tirar da cabeça de nossos alunos a ideia de que lixo é sinônimo de sujeira, pois este sendo separado para reciclagem pode ser transformado em fonte de renda para famílias que vivem da separação do lixo.

Esta atividade foi planejada para responder à seguinte pergunta: **Como os alunos percebem alguns agentes causadores de poluição: resíduos sólidos, matérias orgânicos, poluição visual?**

Para obter tal resposta nosso objetivo geral foi: Investigar a percepção dos alunos quanto ao lixo que é produzido dentro do ambiente escolar. Especificamente pretendemos: Desenvolver a capacidade de percepção dos alunos para a resolução de problemas relacionados ao lixo gerado no ambiente escolar.

Metodologia

A atividade foi realizada com características de ensino com pesquisa contando com uma turma de 27 alunos com idade entre 10 a 14 anos, do 5º ano do ensino fundamental da Escola Madre Rosa Gattorno, no bairro Guamá em Belém-Pará.

Iniciamos a coleta de informações utilizando um questionário sobre a percepção dos alunos acerca do lixo produzido na escola (Anexo 1), cuja finalidade foi saber quais conhecimentos relacionados ao lixo têm os alunos; também saber se já realizaram atividades semelhantes que os levasse a refletir sobre o assunto e se são conscientes dos malefícios causados por conta do descuido com o lixo na escola. O questionário foi constituído por perguntas abertas (que permitem ao inquirido construir a resposta com as suas próprias palavras, permitindo deste modo à liberdade de expressão), e fechadas (são aquelas nas quais o inquirido apenas

seleciona a opção desejada entre as apresentadas e que mais se adéqua à sua opinião).

1º momento. Aplicação do questionário individual para 27 alunos que se encontravam na sala, nesse dia. As perguntas pediam para escreverem três palavras de representação de lixo; e perguntas que indicassem sua postura em relação ao lixo.

2º momento. Fizemos uma roda de conversa para identificar os conhecimentos dos alunos sobre reciclagem e separação do lixo. Para isso, entregamos um texto contendo informações sobre a separação do lixo, reciclagem e explicações do por que devemos reciclar (ANEXO 2). Após leitura coletiva do texto houve continuação na conversa sobre o tema, nesta fase os alunos defenderam soluções para o problema do lixo na escola.

3º momento. Assessoramos a capacidade criativa dos alunos para as sugestões de resolução do problema do lixo na escola. Neste momento anotei as sugestões dos alunos no sentido da mudança de comportamento na comunidade escolar.

Analisando e interpretando os dados obtidos

Relato da atividade

O tema lixo é muito amplo para se trabalhar especialmente com crianças, logo tudo foi pensado para que não ficasse apenas em conceitos e classificações e sim que pensassem em como solucionar os problemas visíveis no ambiente escolar em que eles passam grande parte de seu tempo. Levando em consideração que é um ambiente de aprendizagem.

O projeto planejado foi apresentado antes de sua execução no grupo de estudo do PIBID, havendo participação do grupo no planejamento, foram dadas sugestões e colocados pontos de extrema importância para o desenvolvimento dentro do ambiente escolar.

A execução teve toda preocupação com o planejamento definido mais não fechado, pois sempre que houve a necessidade de uma mudança, fomos flexíveis, pois um questionamento não deve ser deixado de lado e sim pensado e reavaliado.

A presente análise tem por objetivo o entendimento dos alunos com o tema lixo. Esta análise evidencia alguns elementos vivenciados no cotidiano dos alunos, bem como sua interpretação sobre o lixo produzido no ambiente escolar.

Na Tabela 2 temos as palavras que representam lixo para os alunos ao pedir que escrevessem três palavras ou pequenas frases que lhe vem à cabeça quando lê ou pensa na palavra lixo.

Tabela 2. Palavras ou frases que representam lixo para os alunos

Resposta	Frequência (nº)
Sujeira	6
Doenças	5
Poluição	6
Lixão	5
Bueiro entupido	1
Ato de reciclar	2
Falta de educação	2

Os alunos associaram a palavra lixo à sujeira e a outras situações. Do total de alunos apenas dois escreveram frases atrelando a palavra lixo ao ato reciclar. A maioria devido a dificuldade de escrita escreveu apenas pequenas palavras.

As frases escritas pelos alunos foram as seguintes:

“Reciclagem é bom e eu gosto”.

“Eu reciclo e você?”

Quanto à pergunta para falar sobre o lixo produzido na escola a maioria (vinte alunos) respondeu que é nojento, traz doenças, prejudica o bem estar das pessoas, deve ser retirado e reciclado. Teve quem respondeu que se for colocado na calçada da escola pode causar alagamento quando chover.

Ao serem perguntados se jogavam o lixo na lixeira: de 27 alunos, 23 alunos disseram que sim, mas questionados por quê? As respostas variaram. Uns levaram em consideração o meio ambiente, a natureza, outros disseram que é falta de educação se não usar a lixeira, ainda disseram que o lixo fora da lixeira polui a

escola, etc. Notamos que a conduta dos alunos daquela sala é colocar o lixo no seu devido lugar.

Esse tema vem sendo discutido em quase todas as séries, mas se olharmos a escola como um todo ainda encontramos muito lixo por todo o ambiente da escola: na sala de aula, na quadra de esporte onde ficam os alunos na hora do recreio. Após o recreio é muito comum ver lixo em toda parte. Assim, é preciso continuar com a educação para esse problema que embora saibam suas consequências ainda não estão devidamente educados ambientalmente.

Ao perguntar-lhes se o lixo os incomoda vemos a maioria, 24 alunos, se sente incomodados (“sim”) contra três que responderam (“não”). Esses 23 foram os mesmos alunos que responderam que põem o lixo na lixeira, ao contrário dos três alunos que não se importam com o lixo no ambiente.

As justificativas para essa pergunta foram as seguintes:

- Jogo na lixeira por que: atrai doenças, polui a escola, suja a escola, fede e o mau cheiro atrapalha a aula etc.
- Não me incomoda
- É sujeira, mais não tô nem aí.

Durante todo o desenvolvimento das atividades desde o questionário até chegarmos às questões para a solução do problema do lixo da escola percebi uma grande inquietação dos alunos sobre o problema. A turma mostrou-se receptiva e houve um senso de responsabilidade coletiva. Para os alunos precisam transformar a escola em um ambiente limpo e saudável, tornando-a um lugar mais agradável o que corrobora com os PCN sobre meio ambiente.

Assim, a grande tarefa da escola é proporcionar um ambiente escolar saudável e coerente com aquilo que ela pretende que seus alunos apreendam, para que possa, de fato, contribuir para a formação da identidade como cidadãos conscientes de suas responsabilidades com o meio ambiente e capazes de atitudes de proteção e melhoria em relação a ele. (BRASIL, 1998, p.187).

A partir das questões anteriores discutidas os alunos começaram a mostrar o hábito de não jogar o lixo no chão, a utilizar as lixeiras fazendo a separação do lixo, pois a escola possui as lixeiras por tipo de lixo. Antes o lixo não tinha separação, os alunos precisavam de mais informações, pois apenas a existência das lixeiras com

cores diferentes não significava nada para os alunos, para os alunos eram simples lixeiras comuns. Com a informação de que cada cor destina-se a um tipo de lixo, por exemplo, a vermelha para papel, a verde para plástico etc., foi possível ver os alunos colocando o lixo adequadamente nas lixeiras devidas.

Na sala de aula não havia lixeira, então os alunos improvisaram uma caixa de papelão para ser usada como lixeira e começaram a fiscalizar os colegas para não jogar o lixo no chão. Ao final das aulas a caixa era levada para fora da sala para ser colocada para o lixeiro levar, até o momento em que a professora solicitou à direção da escola uma lixeira para a sala de aula. Depois a direção adquiriu lixeira para cada sala de aula.

E como o problema ultrapassa o ambiente escolar foi sugerido aos alunos que observassem e pensassem no lixo da comunidade do bairro onde a escola fica localizada e falassem à turma sobre o que viram e o que esse problema poderia trazer para a comunidade. Os alunos após essa etapa sugeriram chamar a comunidade até a escola para ouvir as informações que eram de conhecimento deles, pois queriam compartilhar o que sabiam em função de prevenir doenças e outros assuntos sobre o lixo e sua importância comercial.

Em meio a tantas sugestões dos alunos a principal foi à construção de mais lixeiras para a coleta seletiva, onde o lixo poderia ser separado para reciclagem. Outra, o lixo produzido na cozinha deveria ser transformado em adubo orgânico e colocado nas plantas que estavam espalhadas pela escola para que ficassem mais bonitas, ainda.

Este tipo de aprendizado bem se sabe que não fica apenas na escola. Os alunos compartilham tudo o que aprendem em casa com seus familiares, com amigos, com a comunidade da qual fazem parte, proporcionando assim uma grande mudança de comportamento nas pessoas com a disseminação de conhecimentos úteis à saúde e à outros setores que podem ser pensados sobre o uso do lixo.

Sobre o lixo produzido na escola

Todos os dias, se produz, na escola, uma grande quantidade de lixo tanto nas salas de aula como nos recreios assim como nos vários ambientes onde alunos, professores e outros profissionais desenvolvem suas atividades.

Vemos que é necessário educar as futuras gerações, tornando-as participantes na sociedade com seus conhecimentos e capazes de respeitar o ambiente, sabendo que parte do homem a necessidade de buscar soluções para os problemas que nosso planeta enfrenta com relação ao lixo. Segundo os PCN de Meio Ambiente:

A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e aprendizagem de procedimentos. (Brasil, 2000, p. 187)

A escola exerce o papel de transmitir e produzir conhecimentos, também conduzir as tarefas escolares de maneira que levem à compreensão dos problemas que estão à sua volta.

Refletir sobre o lixo produzido pelo consumo é um meio de trabalhar conceitos reais, valores, atitudes, posturas éticas. É um trabalho de grande importância que envolve a realidade do dia-a-dia de cada pessoa e das sociedades.

Não cabe mais a aula cheia de conceitos descontextualizados, porque o aluno precisa pensar. Precisa aprender a inferir possibilidades relacionadas ao problema com os resíduos sólidos produzidos no ambiente escolar e a partir daí construir outros discursos que planejem e possibilitem realizar ações que envolvam a comunidade não escolar, em sua casa, na sua vizinhança. O intuito é entender sobre o destino adequado ao lixo e sensibilizar a comunidade escolar sobre o lixo que encontramos jogado por toda a escola.

Entre os conhecimentos importantes desta temática queremos também incentivar os alunos para estudarem mais sobre outras abordagens como reciclagem, o tempo de decomposição do lixo que é jogado no meio ambiente para proporcionar em longo prazo a diminuição desses resíduos pelo ambiente.

Do ponto de vista de Grippi (2006, p. 36), a reciclagem é:

O resultado de uma série de atividades através das quais os materiais que se tornariam lixo ou estão no lixo, são desviados, sendo coletados, separados e processados para serem usados como matéria-prima na manufatura de outros bens, feitos anteriormente apenas com matéria-prima virgem.

A reciclagem pode ser definida como uma separação metódica e sistemática de papéis, metais, plásticos, vidros, entre outros, para a sua posterior transformação e reutilização na fabricação de outros produtos. A reciclagem trata o lixo como matéria-prima a ser aproveitada para fazer novos produtos.

Os alunos perceberam que no lixo escolar tem muitos objetos que podem ser reciclados ao invés de ir para o lixão. Por exemplo, observou-se a grande quantidade de garrafas plásticas, muito papel que poderia ser reutilizado como rascunho no lugar de ir para o lixo, os restos de comidas que podem ser transformados em adubo orgânico. Os alunos também perceberam que a sala deles passou a ser limpa, pois havia vigilância sobre aqueles que não gostavam de usar a lixeira ou como disseram “não estavam nem aí” para o lixo. Outra coisa percebida é que eles mesmos declararam que em suas casas estavam separando o lixo, mas também reclamaram que o carro de lixo não recolhe o lixo todo dia e isso acumula moscas e outros insetos que podem trazer doenças pra eles.

Auto Avaliação

No dicionário a palavra lixo é definida como sujeira, imundície, o que não presta e se joga fora ou coisa inútil, velhas, sem valor. Na linguagem técnica, é sinônimo de resíduos sólidos, sendo representado por materiais descartados pelas atividades humanas.

Quando pensei neste tema jamais imaginei o quanto seria gratificante, desenvolver a limpeza do lixo na escola, pois juntamente com essa oportunidade tive de estudar mais aprofundado o tema e as interações com o meio ambiente. Com o desenvolvimento do tema e a participação efetiva dos alunos, percorremos por vários conhecimentos favorecendo noções de higiene e saúde, o significado de melhoria da qualidade de vida no ambiente escolar e na comunidade.

Apesar de os alunos sugerirem a participação da comunidade extraescolar para vir ouvir deles o que sabiam sobre o tema não foi possível acontecer esse evento devido a problemas com o calendário escolar. Acredito que essa sugestão seja bem interessante para os alunos se debruçarem sobre esses estudos e quiçá sejam os vigilantes do meio ambiente.

Este foi mais um trabalho significativo para minha formação. Com ele pude exercer o papel de professor e de pesquisadora, observando que um professor regendo uma aula não é algo muito fácil quando o assunto é polêmico e você tem de enfrentar muitas questões que independem de você ou dos alunos, mas não podemos omitir. Quando me coloquei no papel de pesquisadora vi que esse lugar exige ainda mais na condição de ouvir os alunos e perceber o que sentem e como olham os problemas sem mudar a dimensão do ser professor.

É claro que não cheguei sabendo tudo, e ainda tenho muito a aprender. No primeiro momento regendo a turma quis sair correndo, minhas pernas tremiam, não sabia o que fazer com tantos alunos e perguntas e respostas, mas minha base para não fraquejar foi o que aprendi nas reuniões do grupo de estudo do PIBID e as orientações firmes da coordenadora que nos auxiliava no que precisávamos e na ajuda dos colegas que se uniam para ir em busca de soluções desejáveis para ensino de qualidade.

Para desenvolver o tema com segurança procurei estudá-lo com muito cuidado para que não ficasse dúvidas caso houvesse perguntas fora do planejado, mas também eu estava pronta para dizer, se fosse o caso, não sei no momento, mas vou procurar saber e logo que possível retorno com a resposta. Digo isso porque não sou redentora de todo o conhecimento e estou pronta a aprender junto com meus alunos.

Os alunos tinham grande dificuldade na leitura e na escrita, como foi dito noutra experiência, então em alguns momentos precisei fazer a leitura do questionário e do texto para eles. Isso exigia mais tempo para o desenvolvimento das atividades, mas não comprometeu o resultado final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste memorial foi mostrar a influência de minhas experiências como bolsista de iniciação a docência em minha formação como futura professora dos anos iniciais. Posso dizer que o objetivo foi atendido.

Ser participante do Pibid é algo muito gratificante, pois se tem a possibilidade de autoavaliar-se frente a determinadas situações de ensino. Reconheço as dificuldades que passei e que ainda irei passar, mas isso não é algo negativo e sim lições que vem contribuir positivamente em minhas ações futuras. As experiências como iniciante docente que descrevi neste documento mostram que teoria e prática precisam caminhar juntas no desenvolvimento de qualquer formação profissional.

Planejar foi preciso, mas, saber, ser flexível na urgência e estar sempre pronta a re-planejar foi uma das lições que levo para a minha vida profissional.

Vivenciei o dia a dia da escola, conheci professores e professoras, o corpo técnico, serventes, merendeiras etc., e participei do cotidiano de mais de uma sala de aula o que me faz ter certeza que a docência não são exclusividade do professor, pois todo o conjunto desse cotidiano citado acrescentado os alunos e suas famílias compõem o cenário de uma instituição de ensino, a escola básica.

A partir das experiências de professores que estão atuando, de suas dificuldades, das dificuldades de seus alunos e de problemas próprios do espaço escolar nos leva a aprender, a analisar e refletir que assim como eles e elas também enfrentarei minhas próprias dificuldades. No entanto, o caminho que percorri nestes anos de bolsistas deu-me a compreensão do que vem a ser o inacabamento do ser humano. Entendi claramente que o professor não é detentor de todo conhecimento, porque muitas vezes vi a professora com suas dúvidas, mesmo tendo planejado suas aulas. A sala de aula, a escola é verdadeira escola onde estamos a todo tempo aprendendo, principalmente com nossos alunos, nos quais vi que não sendo tabulas rasas trazem algum conhecimento que necessita ser amadurecido na troca diária de outros ou novos conhecimentos.

O exercício das minhas experiências relatadas mostram o quanto ainda vou caminhar na direção da minha identidade que constituir-me-á docente. Uma docente que pretende por em evidência o aprendizado na licenciatura e no pibid. Uma docente capaz de fazer planejamento antecipado e de preferência seja interdisciplinar e com o propósito de fazer os alunos gostarem da escola, para não

chegar à sala de aula simplesmente para passar ou fazer qualquer coisa com os alunos para passar o tempo sem pensar naqueles alunos que necessitam ter atenção às suas diferenças e com olhar na diversidade cultural.

Escrever este memorial me levou a novas reflexões sobre o significado das práticas dos professores que estão em sala de aula. Ganhei mais maturidade ao rever minhas experiências, pois a cada lembrança novos conhecimentos eu ganhava já que a partir das experiências que estavam adormecidas e algumas delas escritas no caderno de bordo ali há muito tempo se tornavam vivas e atuais.

Posso dizer que somadas a essas experiências não poderia deixar de dizer que as reuniões do grupo de estudo do PIBID representaram significativos momentos de aprendizagem e de reflexão sobre nossas práticas. Ali, naquele espaço coletivo retirava minhas dúvidas, trocava ideias sobre problemas que ocorriam quando estávamos dentro da escola. Foram memoráveis momentos de aprender também a organizar os projetos, planos de aula, seminários etc., Tudo era compartilhado e dividido entre os bolsistas e a coordenadora. Foram horas inusitadas para aprender a interpretar teorias e trocarmos experiências/conhecimentos. Tudo foi uma grande escola.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Elizangela Gonçalves. o tratamento da informação nas séries iniciais: Uma proposta de formação de professores para o ensino de gráficos e tabelas. Disponível em: < [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../258288.pdf?...>](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/.../258288.pdf?...)

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. Educ. Pesqui. [online]. 2002, vol.28, n.1, pp. 11-30. ISSN 1678-4634.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 23 dez. 1996a. p. 27894.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 2005. Pg.16.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Meio Ambiente 1998, p. 187l. Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm>

CASTRO, Mauriceia Aparecida de. A reciclagem no contexto escolar. Disponível em: www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/448-4.pdf

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000. Disponível em: < www.revistas.unilasalle.edu.br > Capa > v. 1, n. 1 (2012) > Lima>.

CRUZ, Caroline Silva; JESUS, Simone Silva. Lei 11.645/08: A escola, as relações étnicas e culturais e o ensino de história - algumas reflexões sobre essa temática no PIBID. Disponível em: <www.snh2013.anpuh.org/.../1372726711_ARQUIVO_TrabalhoXXVIIS...>

CRUZ. Shirleide Pereira da Silva; BATISTA NETO. José. A polivalência no contexto da docência nos anos iniciais da escolarização básica: refletindo sobre experiências de pesquisas. Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 50 maio-ago. 2012. Disponível em:

< www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n50/v17n50a08.pdf>

DIAS, C. M. S. Narrativas: estratégias investigativo-formativas para a compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem profissional da docência. In: SOUZA, E. C., PASSEGGI, M. C. (orgs) Pesquisa (auto) biográfica: cotidiano, imaginário e memória. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

ESCRITA. CIPPUS Revista de Iniciação Científica 2012. Disponível em: <www.revistas.unilasalle.edu.br › Capa › v. 1, n. 1 (2012) › Lima>

FREIRE, Paulo Pedagogia do Oprimido, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FERNANDES, Cláudio. 20 DE NOVEMBRO - DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA Disponível em: <www.brasilecola. - Dia Nacional da Consciência Negra.>.

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Tradução: Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1991.

GONZAGA, Sabrina. HÁBITOS CULTURAIS EM DIVERSOS PAÍSES. Disponível em: <<https://prezi.com/frmpilconpzy/habitos-culturais-em-diversos-paises/>>

GRIPPI, Sidney. Lixo: reciclagem e sua história: guia para as prefeituras brasileiras. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2006. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/producao-academica/a-reciclagem-como-fonte-de-soluca>>

LIMA, Renan de Moura Rodrigues e ROSA, Lúcia Regina Lucas. O uso das fábulas no ensino fundamental para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. CIPPUS Revista de Iniciação Científica 2012. Disponível em: <www.revistas.unilasalle.edu.br › Capa › v. 1, n. 1 (2012) › Lima>

LOPES, Celi A. E. A probabilidade e a estatística no ensino fundamental: uma análise curricular. Campinas: FE/UNICAMP. Dissertação de Mestrado, 1998. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br › Bases Disponíveis>

LUCIANO, Antônia Raquel Chaves e CLARINDO, Heliomar de Oliveira e GAMELEIRA, Jorgiane de Souza e ROCHA, Joselina Silva Rocha e MENESES, Luzirene Felismino. A FÁBULA COMO UM GÊNERO EDUCATIVO. Disponível em: <www.recantodasletras.com.br/artigos/3789848>

MACHADO, Ana Queli Tormes e FRANZ, Edineia. Fábula: Uma fonte de motivação para a produção textual e leitura. Disponível em: <w3.ufsm.br/.../fabula%20uma%20fonte%20de%20motivacao.pdf>

MIORANZA, Angela Josefina; ROËSCH, Isabel Cristina Corrêa. A DIVERSIDADE CULTURAL NO COTIDIANO DA SALA DE AULA. II Simpósio Nacional de Educação 2010.

OLIVEIRA, Daniela Gonçalves. Reciclar o Lixo. Alfabetização Divertida. Disponível em:

<dani-alfabetizacaodivertida.blogspot.com/.../textos-referentes-reciclagem..>

PAIM, Eliane Rosário. FRIGÉRIO, Neide Aparecida. O DESAFIO DE TRABALHAR A DIVERSIDADE CULTURAL NA ESCOLA. UNIVEN/INESV. Disponível no site:

<<https://cantinhodacoruja.files.wordpress.com/.../o-desafio-de-trabalhar-a->>

PIBID - Ministério da Educação. Disponível em:< portal.mec.gov.br/pibid>

PINTO, Tales. 20 de novembro — Dia da Consciência Negra

Disponível em: <www.escolakids.com - 20-de-novembro-dia-da-consciencia-negra.htm>

portal.mec.gov.br › Secretaria de Educação Básica- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: MATEMÁTICA, 1997, p. 25).

SANTOS, Elma Jane das Virgens Silva. LEITURA DE FÁBULAS EM SALA DE AULA.

Disponível em: <www2.uefs.br/dla/graduando/n4/n4.13-23.pdf>

SILVA, Luís Carlos e CUNHA, Vilma Sousa. LEITURA PRAZEROSA POR MEIO DAS FÁBULAS. Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura. Disponível em:

<200.17.141.110/pos/letras/enill/anais.../III_ENILL_Luis_Carlos.pdf>

STRAFORINI, Rafael. A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. Terra livre, São Paulo, v.1, n.18, p. 95-114, jan/jun. 2002.

Disponível em: < 30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT13-3440--Int.pdf>

NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (org.). O método (auto) biográfico e a formação.

Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

ANEXO 1 -

QUESTIONÁRIO



Falando sério:

1. Escreva três palavras ou pequena frase que lhe vem à cabeça quando lê a palavra **LIXO**.

2. O que você pode dizer sobre o lixo que é produzido na escola?

3. Você usa a lixeira para jogar o lixo?

() Sim

() Não

Por quê?

4. O lixo da escola incomoda você?

() Sim

() Não

Por quê?



ANEXO 2 – TEXTO SOBRE O LIXO

Reciclar o Lixo



Você sabia que...

...alguns tipos de lixo podem ser reciclados várias vezes e outros não?

...o vidro leva 5 mil anos para ser reciclado pela natureza?

A reciclagem é uma das grandes soluções para o problema do lixo.

A reciclagem ajuda na preservação dos recursos naturais.

Se reciclamos papel, muitas árvores poderão viver mais.

Se reciclarmos latas, estamos poupando alumínio que vem da natureza.

O ser humano retira da natureza os recursos para fabricar móveis, pneus, tecidos, vidro, latas.

Muitos recursos podem acabar, se o ser humano não reciclar.

Você conhece algum material reciclado?

O Que é Reciclar?



Você sabia que...

...muitos sacos de supermercado, jornais e papéis de embrulho são produtos já reciclados?

...o país que mais recicla o seu lixo é o Japão?

Reciclar é aproveitar novamente materiais que vão para o lixo. Na natureza acontece a reciclagem natural. Todo lixo produzido pelos seres vivos é reciclado.

Os seres humanos não fazem como a natureza. Eles desperdiçam muitos materiais. Fabricam papel derrubando árvores, quando poderiam reciclar o papel que vai para o lixo. Isso acontece com a fabricação de vidros, plásticos, latas e outros. Tudo vai para o lixo e lá ficará por anos e anos, poluindo e estragando o nosso ambiente. Algumas pessoas já trabalham com reciclagem, porém, são poucas.

Você já reciclou algum material?

Separar o Lixo



Você sabia que...

...algumas cidades têm o sistema de Coleta Seletiva de lixo?

...Coleta Seletiva é a forma de recolher o lixo separado sem misturá-lo?

Separar o lixo é muito importante.

Quando o lixo está separado e limpo, fica mais fácil para reciclar.

Em nossa casa, em nossa escola poderemos separar o lixo. Para isso é importante termos lixeiras separadas. Uma para restos de comida e cascas, outra para vidros, outra ainda para papéis...

Separar o lixo é fácil e necessário.

Você separa o lixo em casa?

Por Que Reciclar?



Você sabia que...

...os seres humanos são os principais responsáveis pelo desequilíbrio ecológico?

...para melhorarmos a vida do nosso planeta devemos TODOS colaborar?

Reciclando, estaremos ajudando a manter o equilíbrio ecológico do nosso planeta.

A produção de lixo aumenta a cada dia que passa.

O problema do lixo piorou com o desperdício e com o surgimento de produtos descartáveis.

Podemos contribuir com a reciclagem, separando o lixo. Muitos materiais nós mesmos poderemos reciclar, usando a nossa criatividade.

Você acredita que podemos melhorar a vida do nosso planeta?

Fonte: Projeto Apoema